

GARRETT NA ROMÊNIA

Micaela Ghitescu*

RESUMO

Na distante Romênia também os estudiosos lusitanistas dispõem – além da versão completa das **Viagens na minha terra** (Micaela Ghitescu, 1979) – de capítulos críticos extensos sobre o teatro garrettiano, os romances de inspiração histórica e de revelação da criação popular (Roxana Eminescu, 1979) e a lírica do escritor português. (Mihai Zamfir, 1985)

A comunicação tem como objetivo oferecer uma idéia concreta sobre a recepção de Garrett na Romênia e as possíveis convergências com escritores romenos da mesma época e área.

Em antes de seu bicentenário, Almeida Garrett era conhecido pelos leitores romenos. Já em 1979 publiquei eu própria a tradução das **Viagens na minha terra**, numa prestigiosa coleção, “Clássicos da Literatura Universal”, da não menos famosa editora bucarestina Univers. Àquela altura, Portugal tinha já saído, há 4 anos, duma ditadura de mais de 40 anos, fonte de atraso econômico e social para o país e de tremenda opressão para os intelectuais. O Brasil teve que esperar mais seis anos para ultrapassar duas décadas de ditadura militar. A Romênia achava-se em plena ditadura de sinal oposto, i.e. comunista, mas nem por isso menos desrespeitosa dos direitos humanos, da liberdade e do trabalho intelectual.

No outono de 1979 saiu pois o livro em versão romena acompanhada de um extenso prefácio e de muitas notas explicativas de rodapé. Já no início de 1980, o boletim lisboeta “Língua portuguesa” publicou sobre esta minha versão uma recensão da autoria do insigne romanista e romenista, o Professor Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca, da que – sem falsa modéstia – apraz-me citar:

Da competência da tradutora mais uma vez tivemos prova, pois, como sempre, produziu um trabalho notabilíssimo, em que a fidelidade ao original nunca é desmentida, proporcionado-nos a sua leitura verdadeiro prazer espiritual. (Fonseca, 1980, p. 31)

* União dos Escritores da Romênia.

O livro, editado numa tiragem de 14.500 exemplares, esgotou-se rapidamente. Naquela época de opacidade espiritual e intelectual eram sobretudo as traduções da literatura clássica e moderna – menos expostas à censura do que a literatura original contemporânea – que abriam aos leitores uma janela para o mundo exterior, o mundo livre. Os leitores sabiam descobrir nos livros o que dizia respeito a suas próprias aspirações. E isso tanto mais que essa nova literatura – traduzida – lhes lembrava coisas “*déjà vues, déjà sues*”!

Uma personalidade equiparável à de Almeida Garrett – ainda que pertencente a uma geração posterior, porque viveu entre 1834 e 1895 – e que escreveu, entre outras, uma obra também equiparável às *Viagens...*, foi o romeno Alexandru Odobescu. A obra mencionada intitula-se *Pseudokynegeticos*, o que significa, em grego, **Falso tratado de caça**.

Vivendo, tal como Garrett, numa época de mudanças sócio-políticas e econômicas radicais, Odobescu traria na cultura e vida intelectual romenas um espírito moderno de qualidade elevada que ainda ninguém tinha alcançado nas gerações anteriores.

Fundador de revistas, militante esclarecido na política cultural, ministro e diplomata (também exilado, como Garrett), arqueólogo, historiador e teórico da arte – tendo elaborado uma teoria do estilo nacional –, Alexandru Odobescu foi ao mesmo tempo um destacado escritor e estilista, publicando, na área literária propriamente dita, novelas históricas de grande dramatismo, além do já mencionado **Falso tratado de caça**.

O que nos interessa nessa última obra (1874) – e que nos fez pensar em Garrett – é o tom de humorismo intelectual, o engenho e a veia no espírito francês de um “*causeur*”, tom utilizado pelo autor para dar a conhecer ao público, de uma forma acessível e agradável, coisas sérias. De verdade, o livro, mistura, não muito sistematizada, de literatura, folclore, arqueologia, história, crítica de arte nacional e universal, é não obstante uma das obras importantíssimas da nossa literatura. O estilo familiar e fácil, faiscante de imaginação e inteligência, as frases harmoniosas e ritmadas, o cuidado máximo prestado à pontuação – que nunca é aleatória – fazem do livro um modelo de realização literária e de beleza estilística, apesar de seu gênero híbrido. Ele tem ainda hoje esse encanto das coisas antigas que o tempo e a distinção fazem mais preciosas.

Quanto à atividade política de Odobescu, ela desenrolou-se principalmente numa época de grande tensão representada pela iminência da guerra russo-turca de 1877, quando o interesse maior da Romênia era de conseguir a sua independência dos Otomanos. A desconfiança perante a Rússia era grande, como grande era também o receio que os Turcos saíssem vitoriosos do conflito. Odobescu foi um dos políticos que insistiram na entrada imediata da Romênia na guerra contra a Turquia e no desempenho de uma esforço corajoso da nação inteira para conseguir a indepen-

dência política. Essa sua intuição demonstrou-se sábia e justa.

Os últimos anos da vida de Odobescu foram perturbados por circunstâncias íntimas desmoralizadoras, até à aniquilação; foi assim que, depois de uma vida altamente estimada e admirada pelos contemporâneos, ele chegou ao ato extremo de se suicidar.

Educado no espírito da cultura ocidental, inclinado para a estética e o intelectualismo, possuidor de uma sólida formação clássica e acadêmica, Odobescu representou o espírito moderno na nossa cultura e criou, por seu exemplo, uma verdadeira disciplina intelectual e uma escola do bom senso romeno.

Quase todas minhas alegações sobre o romeno Alexandru Odobescu são equiparáveis ao que se poderia dizer do português Almeida Garrett.

Mas esta comparação de dois destinos humanos e literários mais ou menos semelhantes pretende apenas demonstrar que os leitores romenos estavam já preparados para entender, com todos os matizes, as **Viagens na minha terra**, o que explica também o rápido esgotamento da tiragem.

De verdade, as **Viagens...** na terra de Garrett podem ser considerados como espelho e, ao mesmo tempo, receptáculo das contradições da época situada à interseção de dois mundos, o mundo feudal e aquele aberto para os movimentos europeus de 1848.

Lutador pela liberdade, exilado, aprisionado, ele iria entregar-se, depois da vitória do liberalismo, à imensa tarefa de contribuir à reconstrução de um Portugal magoado por uma longa guerra civil. Sempre na oposição, exposto à censura, foi várias vezes perseguido pelas autoridades que impediram, por exemplo, a representação de **O Alfageme de Santarém**. Quanto às **Viagens...**, a densa e ramificada vegetação das impressões e digressões de todas as áreas – histórica, filosófica, política, literária, filológica, etnográfica, arquitetônica – deu finalmente uma obra de um encanto e impacto especiais.

No mesmo ano de 1979, e na mesma editora romena que publicou as **Viagens...** saiu, numa tiragem de 5.230 exemplares, o volume **Preliminares para uma história da literatura portuguesa**, da autoria de Roxana Eminescu. Além de várias páginas dedicadas à criação teatral e lírica de Almeida Garrett, a autora dá uma extensa citação das **Viagens...**, nomeadamente a famosa “Receita para fazer literatura original com pouco trabalho”, concluindo da seguinte maneira:

Um autêntico e apaixonado amor da pátria e um profundo respeito pelo passado histórico ficam, aqui também, a mais importante e duradoura conquista da época romântica, mas encontram sua fórmula estilística adequada ou, pelo menos, mais adequada com nossa sensibilidade de homens modernos (...). O livro é engenhosamente construído, a linguagem é simples, limpa, mas sem descuidos estilísticos, e para os adversários do romantismo pomposo e lacrimogêneo, como para as pessoas interessadas na história da transição do romantismo para o realismo crítico e social, ele é um documento inestimável. (Eminescu, 1979, p. 115)

Por outro lado, Mihai Zamfir, no livro *Formas da lírica portuguesa*, publicado em 1985 numa tiragem de 1.750 exemplares pela mesma editora bucarense Univers, dedica um capítulo de quase 20 páginas à poesia de Garrett, analisando, do ponto de vista do assim-chamado primeiro romantismo e comparativamente com Alexandre Herculano, dois fragmentos pertencentes à criação de juventude de Garrett, pretendendo demonstrar a existência de traços fundamentais de sua obra posterior já nos primeiros textos e de valor literário médio. Evitando pois as cumes notáveis do garrettismo de juventude, Zamfir se demora em dois exemplos que poderiam facilmente passar por simples exercícios de estudo ou poesia convencional corrente: “A morte” e “Ao corpo acadêmico”. Ambas são analisadas segundo um “modelo semântico”, num empenho de estilística aplicada.

O bicentenário de Almeida Garrett foi ocasião de dar a conhecer aos leitores romenos mais uma faceta da sua personalidade e atividade: sua paixão pela política, quer dizer pela liberdade. Porque

(...) a escrita e a liberdade andaram em Garrett sem cessar associadas (...). A política foi para ele, como a sua obra em acto o foi, uma luta apaixonada e apaixonante, sem tréguas, quer como revolucionário, na pátria e no exílio, quer já no exercício democrático do poder ou da oposição, em cujos meandros, bem como nos da diplomacia, teve de mover-se, nos diferentes avatares do liberalismo e das suas crises. (Seabra, 1999; p. 20)

Pertence esta citação ao artigo “Garrett e a Liberdade na Balança de Portugal e da Europa”, de José Augusto Seabra, publicado recentemente numa das melhores revistas literárias romenas.

Também para celebrar o bicentenário de Almeida Garrett, o Leitorado de Português da Faculdade de Línguas e Literaturas Estrangeiras da Universidade de Bucareste organizou uma sessão comemorativa de comunicações, acompanhada de recitações de versos garrettianos pelos alunos do Leitorado.

O público romeno continua sensível à identificação dos letrados, dos artistas em geral, com os ideais liberais, com a idéia de liberdade, com o ódio à tirania. É por isso que, nesse recanto distante do mundo românico de Leste europeu representado pela Romênia, Almeida Garrett é um escritor cuja obra é admirada e respeitada, e – porque não? – de grande atualidade. Visto que nosso povo também “estava preparado para ser livre, desde que não se deixasse perverter pelo “indeferentismo”, que é o “maior inimigo da liberdade” (Seabra, 1999, p. 21), segundo as próprias palavras de Garrett.

RÉSUMÉ

Les chercheurs lusitanistes ont aussi dans la lointaine Roumanie à leur disposition – outre la version complète des **Voyages à travers mon pays** (Micaela Ghiteșcu, 1979) – de larges chapitres critiques sur le théâtre garrettien, les romans d'inspiration historique et de révélation de la création populaire (Roxana Eminescu, 1979), ainsi que sur la poésie lyrique de l'écrivain portugais. (Mihat Zamfir, 1985)
Le but de la communication est d'offrir une idée concrète sur la réception d'Almeida Garrett en Roumanie et les possibles convergences avec des écrivains roumains de la même époque et du même domaine.

Referências bibliográficas

- FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. Almeida Garrett; Călătorie prin țara mea: recensão crítica. **Língua Portuguesa**, Lisboa, n. 1-2, p. 31, 1980.
- EMINESCU, Roxana. **Preliminarii la o istorie a literaturii portugheze**. București: Univers, 1979.
- ZAMFIR, Mihai. **Formele liricii portugheze**. București: Univers, 1985.
- SEABRA, José Augusto. Garrett și libertatea în balanța Portugaliei și a Europei. **Luceafărul**. Serie nouă, București, v. 426, n. 26, p. 20-21, 1999.

⁹ Trata-se da penúltima estrofe de "Aquele Noite!", p. 258.